

TORTURA NO BRASIL: DA BIOLOGIA DO SOFRIMENTO À APLICAÇÃO JURÍDICA

1. O Que Acontece Durante a Tortura

Imagine seu corpo como uma orquestra. Agora imagine todos os instrumentos tocando a nota mais alta e estridente ao mesmo tempo, sem parar. É assim que começa.

A pele explode em alarmes. Milhões de sensores de dor espalhados pelo corpo inteiro disparam juntos, como se alguém tivesse apertado todos os botões de emergência de uma vez. Alguns mandam mensagens extremamente rápidas: "DOI AQUI, AGORA!". Outros são mais lentos, trazendo aquela dor que queima, que lateja, que não passa.

Todas essas mensagens sobem pela coluna como um engarrafamento de gritos. Na medula espinhal, substâncias químicas inundam as conexões nervosas, amplificando tudo. É como se alguém tivesse virado o volume do sofrimento para o máximo. Não há controle. Não há como desligar.

O cérebro recebe essa avalanche. Várias partes se acendem ao mesmo tempo. Uma área mapeia onde está doendo, ela sabe exatamente onde está o tormento. Mas outras duas áreas fazem algo pior: elas transformam a dor física em desespero emocional. Não é só o corpo que sofre. A mente entra em pânico.

O centro do medo no cérebro enlouquece. Ele joga adrenalina no sangue, preparando o corpo para fugir. Mas não há para onde fugir. O coração dispara, 140, 160 batidas por minuto. Parece que vai explodir no peito. A pressão sobe. As mãos tremem. O corpo inteiro sua frio.

Outro hormônio invade a corrente sanguínea: cortisol, o hormônio do estresse extremo. É o corpo dizendo "estamos em perigo mortal". Cada célula recebe esse aviso.

Dentro dos neurônios, a tempestade é química. Canais microscópicos se abrem, deixando entrar tanto cálcio que as células começam a se danificar. Algumas morrem. As usinas de energia das células trabalham até o colapso. Quando falham, liberam substâncias tóxicas que destroem o que está ao redor.

O sistema de defesa do corpo, confuso, acha que está sob ataque. Células do sistema imunológico liberam moléculas inflamatórias. Essas moléculas fazem algo cruel: tornam os nervos ainda mais sensíveis. Agora até um toque leve é como ser queimado. A dor se multiplica sozinha.

A respiração vira caos. Ofegante, rápida demais, desequilibrando o sangue. Vem a tontura. Os músculos, tensos até o limite, começam a doer também. Cãibras. Fadiga. Dor sobre dor.

O corpo tenta se salvar. Produz seus próprios analgésicos: substâncias até 200 vezes mais fortes que morfina. Mas não adianta. É como tentar apagar um incêndio florestal com um copo d'água. A dor vence.

E aí vem o mais assustador: o cérebro começa a aprender a dor. As conexões nervosas se fortalecem. O sistema nervoso está sendo reprogramado para sentir mais, para lembrar, para não esquecer nunca. Mesmo quando tudo acabar, as cicatrizes invisíveis permanecerão. A dor pode voltar do nada, anos depois, como um fantasma.

Se há ferimentos reais, células danificadas liberam um coquetel químico que deixa os nervos em carne viva. Células de defesa chegam e, tentando ajudar, pioram tudo. A inflamação queima.

A parte do cérebro que pensa, que raciocina, que planeja, ela tenta manter a pessoa inteira. Mas a dor é demais. Estudos mostram que dor prolongada literalmente encolhe essa área do cérebro. A capacidade de pensar claramente desaparece. Só existe a dor. Nada mais importa. Nada mais existe.

E tem uma diferença crucial que o cérebro entende: isso não é um acidente. Não é uma doença. É proposital. Alguém está fazendo isso de propósito. Essa consciência ativa áreas do trauma. A dor física se mistura com terror psicológico de uma forma que a ciência mal consegue medir.

É sofrimento em todas as dimensões possíveis: física, emocional, psicológica. O corpo grita pedindo para parar. O cérebro implora. Mas não há resposta. Não há alívio.

O ser vivo foi feito para sobreviver. Temos sistemas incríveis de proteção. Mas a tortura leva tudo isso ao limite e além. Transforma nossos mecanismos de alarme, feitos para nos salvar, em instrumentos de tormento contínuo.

2. Abandonado a agonia final após a tortura

O silêncio depois da violência é quase pior. Ninguém mais vem. Não há mais gritos, comandos, batidas. Só o som da própria respiração irregular, cada vez mais fraca. E a consciência terrível: fui deixado aqui para morrer.

O corpo já estava no limite. Agora, sem ajuda, os sistemas começam querer desistir.

A dor não diminui, ela muda. Onde antes havia agonia aguda dos golpes, agora há uma dor profunda, pulsante, que toma conta de tudo. Ferimentos abertos ardem. Ossos quebrados enviam ondas de tormento a cada respiração superficial. Mas o corpo, esgotado de tanto produzir sinais de alarme, começa a ficar entorpecido. Não é alívio. É o sistema nervoso entrando em colapso.

A sede chega primeiro. A boca está seca como lixa. A língua incha, gruda no céu da boca. Cada tentativa de engolir é dolorosa. O corpo perdeu muito líquido, sangue dos ferimentos, suor do pânico, talvez vômito. As células começam a murchar. O sangue fica grosso, difícil de bombear.

O coração, que esteve disparado por horas, começa a falhar. Bateu rápido demais, por tempo demais. O músculo cardíaco está exausto. As batidas ficam irregulares, aceleram, desaceleram, pulam. Cada batida fraca leva menos oxigênio para o cérebro e para os órgãos. A pressão arterial diminui drasticamente.

A respiração vira um esforço consciente. Ferimentos no tórax, costelas quebradas, cérebro exposto tornam cada inspiração uma facada. Os pulmões, talvez colapsados ou cheios de sangue, não conseguem expandir direito. O corpo implora por ar que não consegue processar. O ser vivo começa a ofegar como um peixe fora d'água. O pânico de não conseguir respirar é horrível e desesperador.

O frio vem aos poucos. Sem energia, sem circulação adequada, a temperatura corporal diminui. Começa pelas extremidades, mãos, pés ficam ou patas gelados, roxos. O tremor seria a resposta natural, mas o corpo está cansado demais para tremer. É um frio que vem de dentro, que nenhum cobertor aliviará.

O cérebro, privado de oxigênio e glicose, começa a apagar. A visão escurece nas bordas. Sons ficam abafados, distantes, como estar debaixo d'água. O pensamento fica confuso. Onde estou? O que aconteceu? Fragmentos de memória se misturam com alucinações. Rostos de pessoas amadas aparecem e desaparecem.

Há momentos de clareza brutal. A consciência de que este é o fim. O medo da morte, não como conceito abstrato, mas como realidade imediata e inevitável. O desespero de não ter como pedir ajuda. De saber que ninguém virá. A solidão absoluta nos últimos momentos da existência.

Os rins param de funcionar. Toxinas se acumulam no sangue, envenenando de dentro. A confusão mental piora. Pode haver delírio, convulsões. O corpo todo dói, mas a dor começa a ficar distante, como se acontecesse com outra pessoa.

Se há hemorragia interna, o abdômen incha. A pressão interna adiciona mais agonia. Cada órgão grita por oxigênio que não chega. O fígado, o estômago, os intestinos, todos entrando em falência múltipla.

A boca pode soltar espuma. Sangue pode sair pelo nariz, pelos ouvidos se há traumatismo craniano. O corpo evacua e urina involuntariamente, o controle sobre as funções mais básicas se perde. É humilhante até no fim.

A consciência pisca. Momentos de lucidez interrompidos por escuridão. Cada vez que o ser vivo volta, há menos força. Menos ar. Menos vida. O medo dá lugar a algo diferente, talvez aceitação forçada, talvez só exaustão profunda demais para mais terror.

O coração luta. Bate irregular, cada vez mais fraco. O cérebro, desesperado por oxigênio, libera uma última onda de endorfinas e DMT. Alguns relatam que veem luz, sensação de paz. Outros dizem que é só o cérebro morrendo, criando ilusões finais. Não importa, é o único momento de misericórdia em horas de dor e sofrimento.

As últimas respirações são suspiros. Longas pausas entre uma e outra. O peito sobe uma última vez, procurando ar que não consegue processar. E para.

O coração dá algumas batidas finais, fracas, arrítmicas. E silencia.

Mas a morte do corpo não é instantânea. Células continuam morrendo por minutos. Neurônios disparam pela última vez. Há uma cascata final de atividade cerebral, ondas elétricas atravessando o cérebro que se apaga. Dura segundos. Depois, escuridão permanente.

Órgãos morrem em ordem. O cérebro primeiro, quatro a seis minutos sem oxigênio. Depois o coração, os pulmões. Órgãos como rins e fígado podem levar uma hora. Células individuais da pele podem sobreviver por dias.

O que fica é um corpo devastado. Marcas de violência por toda parte. Ferimentos que nunca cicatrizarão. Ossos que nunca colarão. E no cérebro morto, se pudéssemos ver, caminhos neurais gravados com trauma, terror e dor, memórias que nunca serão lembradas porque o dono delas se foi.

A morte por abandono após tortura não é rápida. Não é piedosa. É uma agonia prolongada onde cada sistema do corpo desliga lentamente, cada um gritando em seu próprio idioma biológico, enquanto a consciência, cruelmente preservada até quase o fim, testemunha a própria destruição.

É uma morte que nenhum ser vivo merece. Uma morte que acontece não por acidente ou doença, mas por escolha deliberada de outro ser humano. E essa é, talvez, a parte mais assustadora de todas.

3. O que acontece com quem submete a vítima à este horror no Brasil

No papel, quem comete tortura no Brasil enfrenta penas que são consideradas severas: de 2 a 8 anos de prisão, podendo chegar a 16 anos se a vítima morrer. A lei classifica tortura como crime hediondo, o que significa regime inicial fechado, sem direito a fiança fácil, e teoricamente sem perdão. Se o torturador for agente público, policial, agente penitenciário, militar, a pena aumenta em até um terço. A Constituição proíbe expressamente tortura, e o Brasil assinou tratados internacionais contra essa prática. Em tese, é um dos crimes mais graves do código penal brasileiro, tratado com rigor comparável a latrocínio e estupro.

Na prática, a história é outra. A maioria dos torturadores nunca é sequer investigada. Quando são, os processos se arrastam por anos até prescrever ou resultar em absolvição por falta de provas. Muitos suspeitos contam com laudos médicos que omitem lesões, e testemunhas que desaparecem ou mudam depoimentos. Mesmo nas raras condenações, benefícios como progressão de regime, penas alternativas e morosidade judicial transformam sentenças de 8 anos em 2 ou 3 de prisão efetiva. O resultado? Impunidade quase absoluta. No Brasil, torturar, especialmente se a vítima for pobre, negra ou marginalizada, tem

altíssima probabilidade de não gerar consequência alguma. A lei existe, mas para a maioria dos torturadores, ela simplesmente não se aplica.

4. Caso seja menor de 18 anos

No Brasil, menores de 18 anos não são criminalmente responsáveis, **independente** da gravidade do ato. Se um **adolescente** comete tortura, ele responde por "ato infracional análogo ao crime de tortura" sob o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não sob a Lei de Tortura. As medidas aplicadas não são penas criminais, mas sim "medidas socioeducativas": advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade ou internação. A internação, medida mais severa, tem prazo máximo de 3 anos, não pode ultrapassar os 21 anos de idade do infrator, e é revisada a cada 6 meses. Mesmo em casos extremos com vítima fatal, o adolescente jamais cumprirá mais de 3 anos institucionalizado e será liberado automaticamente ao completar 21 anos, sem ficha criminal na vida adulta.

Na prática, o sistema socioeducativo brasileiro é ainda mais brando que o penal. Adolescentes que cometem atos gravíssimos frequentemente recebem medidas em meio aberto (liberdade assistida) ou cumprem meses em internação antes de progressão para regime mais brando. Unidades socioeducativas estão superlotadas, com estrutura precária e equipes insuficientes para promover real ressocialização. Casos de tortura cometidos por adolescentes, quando chegam à Justiça da Infância, enfrentam os mesmos problemas: investigações falhas, falta de provas, morosidade. O resultado é que um adolescente de 17 anos que torture um ser vivo até a morte pode estar livre antes dos 20, sem registro criminal, enquanto um adulto de 18 anos e um dia pelo mesmo crime enfrentaria décadas de prisão. Essa diferença gera debates intensos sobre redução da maioridade penal, mas a realidade atual é clara: para fins legais, ser menor de idade no Brasil significa, na prática, impunidade quase garantida mesmo nos crimes mais hediondos.